



**Seção**

# **Temática Livre**



## Um rio de água viva: o uso do Antigo Testamento em Ap 22,1-5

*A river of living water: Old Testament usage in Rev 22:1-5*

**Waldecir Gonzaga<sup>335</sup>**

*Docente no PPG de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*

**Adalberto do Carmo Telles<sup>336</sup>**

*Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*

**Resumo:** Este artigo analisa o uso do AT em Ap 22,1-5. O Apocalipse de João é, ao mesmo tempo, um livro misterioso e fascinante, de modo que é necessário prescrutar a maneira em que o autor joanino recorreu a textos veterotestamentários para sustentar a sua visão futurística do fim dos tempos. É possível que o autor apocalíptico, em Ap 22,1-5, tenha feito alusões e até mesmo ecos de alguns textos do AT, pois não há citações diretas do AT neste texto. O autor ainda pode ter usado textos deuterocanônicos e até extrabíblicos. A metodologia empregada neste trabalho é a análise a partir de alguns passos do Método Histórico-Crítico e da aplicação dos critérios do método do Uso do AT no NT. Além da introdução e conclusão, o presente artigo está dividido em cinco partes: segmentação e tradução de Ap 22,1-5; crítica textual de Ap 22,1-5; estrutura do Apocalipse de João; a grande seção de Ap 21,1-22,5; o uso do AT em Ap 22,1-5.

**Palavras-chave:** Apocalipse de João. Novo Testamento. Antigo Testamento. Rio. Água viva.

**Abstract:** This article analyzes the use of the AT in Rev 22.1-5. The John's Apocalypse is, at the same time, a mysterious and fascinating book, so it is necessary to scrutinize the way in which the Johannine author resorted to the Old Testament texts to support his futuristic vision of the end times. It is possible that the apocalyptic author, in Rev 22,1-5, has alluded and even echoes of some OT texts, as there are no direct OT quotations in this text. The author may still have used deuterocanonical and extrabiblical texts. The methodology used in this work is the analysis based on some steps of the Historical-Critical Method and the application of the criteria of the method of Using the AT in the NT. In addition to the introduction and conclusion, this article is divided into five parts: segmentation and translation of Ap

---

<sup>335</sup> Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

<sup>336</sup> Doutorando em Teologia Bíblica e Mestre pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq. E-mail: <adalbertoteles088@gmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2385530832585281> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7830-9222>.

22:1-5; textual criticism of Rev 22:1-5; structure of the John's Apocalypse; the great section of Rev 21:1–22:5; the use of the AT in Ap 22:1-5.

**Keywords:** John's Apocalypse. New Testament. Old Testament. River. Jellyfishes.

## Introdução

O Apocalipse de João é o último livro do cânon sagrado. Ele faz parte de um conjunto de obras literárias denominados de escritos joaninos, que por sua vez, é assim identificado, devido ao nome do apóstolo João, filho de Zebedeu<sup>337</sup>. Dentre os diversos *corpora* que constituem o NT, o *corpus* joaneu é o que mais se diferencia, pois ele é o único que está disposto em mais de uma parte dos quatro *corpora* neotestamentários, constituídos pelos quatro Evangelhos, Atos dos Apóstolos, as Cartas de Paulo, as Cartas Católicas e o Apocalipse de João<sup>338</sup>. No que diz respeito à autoria dos escritos joaninos, o quarto Evangelho não traz uma marca autoral, a primeira carta é atesta a João, o Apóstolo, a segunda e terceira cartas têm João, o Presbítero, como autor e o Apocalipse de João é considerado um livro escrito por João, o Apóstolo<sup>339</sup>.

É de conhecimento de todos que os autores do NT utilizaram textos do AT para fundamentarem, nas Sagradas Escrituras, seus pensamentos, raciocínios, argumentações e teologia. No livro do Apocalipse de João não é diferente, pois há um consenso entre os comentaristas de que o AT é a chave interpretativa para a compreensão deste texto apocalíptico<sup>340</sup>. Uma diferença que há, no último livro do cânon do NT para os demais livros, é a ausência de citações diretas de textos veterotestamentários. Acredita-se que quase metade dos versículos do Apocalipse de João contenham uma alusão do AT<sup>341</sup>. De todas as alusões feitas do livro do profeta Ezequiel no NT, por exemplo, mais da metade delas está no Apocalipse de João. É o único escrito neotestamentário que manifesta um interesse expressivo pelo profeta Ezequiel. Moyise afirma que João alude de maneira interessante às cinco principais seções de Ezequiel, na mesma ordem do Apocalipse de João.<sup>342</sup>

Deus em seu trono, criatura multifacetadas	Ap 4	Ez 1
Marcação / selamento dos santos, brasas	Ap 7–8	Ez 9–10
Punição da cidade prostituta	Ap 17	Ez 16,23
Lamento sobre a cidade caída, lista de negociação	Ap 18	Ez 26–27
Estabelecimento da Nova Jerusalém	Ap 20–22	Ez 37–48

Três princípios a serem usados para constatar uma alusão no Apocalipse de João que podem ser: *alusão clara*, em que o texto se aproxima da fonte do AT, traz um sentido central comum e possivelmente não deve ter vindo de outro lugar; *provável alusão*, o texto não é tão próximo, no entanto, há uma concepção ou redação que é particularmente identificável ao AT ou expõe uma organização de ideias reconhecíveis

<sup>337</sup> GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 683.

<sup>338</sup> GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 682.

<sup>339</sup> GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 683.

<sup>340</sup> MATHEWSON, D., Assessing Old Testament allusions in the book of Revelation, p. 11.

<sup>341</sup> MOYISE, S., The language of the Old Testament in the Apocalypse, p. 98; ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L., Profetas II, p. 700.

<sup>342</sup> MOYISE, S., Does the author of Revelation misappropriate the scriptures?, p. 6.

do texto veterotestamentário; *possível alusão*, a frase e/ou locução, é somente análoga à suposta fonte, ecoando o texto ou seus conceitos.<sup>343</sup>

### 1 Segmentação e tradução de Ap 22,1-5

A segmentação, a tradução e as notas de crítica textual referentes à perícopre de Ap 22,1-5 revelam a beleza e a unidade temática deste texto do Apocalipse de João. Todo o vocabulário empregado para sua construção revela o itinerário e a experiência do autor do livro e da comunidade primitiva acerca do momento crítico para os cristãos no final do séc. I d.C., mas sobretudo da confiança nas mãos de Deus. Em meio a toda a situação de perseguição, os cristãos primitivos não tinham dúvida de que do “trono de Deus e do Cordeiro” (vv.1c.3b) brotariam “rios de água viva” (v.1), que em meio a todo tipo de escuridão e treva, brilharia a luz de Deus (v.5). Neste sentido, este texto revela a fé e a esperança daqueles que confiam no amor de Deus e que decidiram seguir o Cordeiro.

Καὶ ἔδειξέν μοι ποταμὸν ὕδατος ζωῆς λαμπρὸν ὡς κρύσταλλον,	v.1a v.1b	E mostrou-me um rio de água de vida brilhante como cristal,
ἐκπορευόμενον ἐκ τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου.	v.1c	saindo do trono de Deus e do Cordeiro.
ἐν μέσῳ τῆς πλατείας αὐτῆς	v.2a	No meio de sua praça,
καὶ τοῦ ποταμοῦ ἐντεῦθεν καὶ ἐκεῖθεν	v.2b	e do rio, daqui e dali,
ξύλον ζωῆς ποιοῦν καρποὺς δώδεκα,	v.2c	estava uma árvore de vida produzindo doze frutos,
κατὰ μῆνα ἕκαστον ἀποδίδου ἃν καρπὸν αὐτοῦ,	v.2d	uma vez por mês, dando o seu fruto,
καὶ τὰ φύλλα τοῦ ξύλου εἰς θεραπείαν τῶν ἐθνῶν.	v.2e	e as folhas da árvore (eram/são) para a cura das nações.
καὶ πᾶν κατάθεμα οὐκ ἔσται ἔτι.	v.3a	E toda maldição, não haverá mais.
καὶ ὁ θρόνος τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου ἐν αὐτῇ ἔσται,	v.3b	E o trono de Deus e do Cordeiro nela estará,
καὶ οἱ δοῦλοι αὐτοῦ λατρεύσουσιν αὐτῷ	v.3c	e os seus servos o servirão
καὶ ὄψονται τὸ πρόσωπον αὐτοῦ,	v.4a	e verão a sua face,
καὶ τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐπὶ τῶν μετώπων αὐτῶν.	v.4b	e o seu nome sobre as frentes deles.
καὶ νύξ οὐκ ἔσται ἔτι	v.5a	E noite não haverá mais
καὶ οὐκ ἔχουσιν χρείαν φωτὸς λύχνου καὶ φωτὸς ἡλίου,	v.5b	e não têm necessidade de luz de uma lâmpada e de luz do sol,
ὅτι κύριος ὁ θεὸς φωτίσει ἐπ’ αὐτούς,	v.5c	porque o Senhor Deus brilhará sobre eles,
καὶ βασιλεύσουσιν εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων.	v.5d	e reinarão pelos séculos dos séculos.

<sup>343</sup> BEALE, G. K., *The Use of the Old Testament in the Apocalypse*, p. 130; PAULIEN, J., *Dreading the whirlwind intertextuality and the use of the Old Testament in Revelation*, p. 5-22. Neste artigo, o autor apresenta um debate em curso entre Moyise e Beale a respeito das turbulências do uso do AT no Apocalipse de João.

## 2 Notas de crítica textual de Ap 22,1-5

A *critica textus*<sup>344</sup> da perícopre de Ap 22,1-5 segue o aparato crítico do texto bíblico de Nestle-Aland<sup>28</sup>. A referida perícopre apresenta algumas variantes que precisam ser observadas e analisadas. No desenvolver desse passo, é indicado cada versículo que apresenta problemas de variantes textuais, para, em seguida, se tecer uma análise seguindo as indicações do Aparato Crítico e os critérios da crítica externa e da crítica interna<sup>345</sup>.

1) O v.1 apresenta uma variante que é a inserção do adjetivo grego “καθαρόν/*puro*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 051<sup>s</sup> (com leituras acrescentadas secundariamente), pelos minúsculos 2030, 2377, pelo  $\mathfrak{M}^A$  (Grupo André, com inclusão de P). É difícil explicar como essa leitura poderia ter se desenvolvido a partir da leitura mais curta “ποταμόν/*rio*”, exceto a partir de uma vontade de trazê-la em concordância com as afirmações semelhantes em Ap 21,18.21, embora isso seja improvável. É pouco provável que os copistas tenham adicionado “καθαρόν/*puro*” visando aproximar aos textos de Is 35,8 ou Ez 47,8-9.12, já que Isaías é mais sutil em sua referência e Ezequiel não menciona o termo “καθαρόν/*puro*”. Por isso, tendo presente as evidências externas, todos os manuscritos importantes para o Apocalipse de João <sup>346</sup>, e o critério interno de que a leitura mais breve é preferível (*lectio brevior potior*), concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup>, como a possível variante que mais se aproxima do texto original<sup>347</sup>.

2) O v.1 apresenta mais uma variante que é a substituição do substantivo grego “θρόνου/*do trono*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo  $\kappa$ ; outra substituição apresentada no aparato crítico da NA<sup>28</sup> é a variante “τοῦ στόματος/*da boca*”, testemunhada pelos manuscritos minúsculos 1611<sup>s</sup> (com leituras acrescentadas secundariamente), 2329, por sy<sup>hmg</sup> (versão siríaca, leitura à margem da versão siríaca heracleana). Também é difícil explicar como essas variantes poderiam ter surgido, embora talvez tenham sido o resultado da consciência apurada de um escriba de que em outro lugar do Apocalipse de João, “ἐκπορεύομαι/*proceder*” aparece cinco vezes como parte de cláusulas com “ἐκ τοῦ στόματος/*da boca*”, no singular e ou no plural, aludindo-se a Cristo, cristãos ou seres demoníacos. Tal consciência poderia ter causado uma alteração intencional ou acidental. Todavia, a leitura “στόματος/*da boca*” poderia ser favorecida, porque se encaixa no estilo de João. No entanto, sejam quais forem os méritos dessa possibilidade, “τοῦ θρόνου/*do trono*” deve ser preferido, visto que, tais evidências externas maciças e de qualidade a apoiam<sup>348</sup>. Sendo assim, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto mais confiável.

<sup>344</sup> SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 29-30.

<sup>345</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 214-223.

<sup>346</sup> NESTLE-ALAND., Novum Testamentum Graece, p. 66-67. Na parte introdutória do NA<sup>28</sup> é possível encontrar uma lista de todos os manuscritos importantes a cada livro ou carta do NT. Esses são os manuscritos mais importantes ao Apocalipse de João:  $\mathfrak{M}$ ,  $\mathfrak{M}^A$ ,  $\mathfrak{M}^K$ ;  $\mathfrak{P}^{18}$ ,  $\mathfrak{P}^{24}$ ,  $\mathfrak{P}^{43}$ ,  $\mathfrak{P}^{47}$ ,  $\mathfrak{P}^{85}$ ,  $\mathfrak{P}^{98}$ ,  $\mathfrak{P}^{115}$ ;  $\kappa$ , A, C, P, 046,051,0163, 0169, 0207, 0229; 1006, 1611, 1841, 1854, 2030, 2050, 2053, 2062, 2329, 2344, 2351, 2377.

<sup>347</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1139; BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1105; FORD, J. M., Revelation, p. 338; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71; EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 49.

<sup>348</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1106; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

3) O v.2 oferece uma variante que é a substituição do advérbio grego “ἐντεῦθεν/*daqui, de lá, ali*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 051<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), pelos minúsculos 2030, 2050, 2377, pelo M<sup>A</sup> (Grupo André, com inclusão de P), pela versão sy<sup>ph</sup> (versão siríaca filoxeniana, texto revisado a pedido do bispo Filoxeno); outra substituição apresentada no aparato crítico é do advérbio “ἐκεῖ/*lá, ali, naquele lugar*”, testemunhada pelo manuscrito minúsculo 2062. É possível que tenha havido um erro involuntário do copista devido à semelhança de duas palavras seguidas (*haplografia*), como é o caso aqui de ἐντεῦθεν καὶ ἐκεῖθεν<sup>349</sup>. A variante “ἐκεῖ/*lá, ali, naquele lugar*” é um sinônimo de ἐκεῖθεν e não altera o texto em seu sentido e significado. O termo “ἐκεῖ/*lá, ali, naquele lugar*” é mais usual no Evangelho de João e no Apocalipse de João do que “ἐκεῖθεν/*lá, ali*”, mas as evidências externas apoiam a palavra mantida pelo texto da NA<sup>28</sup> e o critério interno da leitura mais difícil (*lectio difficillima*) dá base para que se aceite o texto da NA<sup>28</sup> como o texto mais confiável<sup>350</sup>.

4) O v.2 oferece mais uma variante que é a substituição do particípio presente ativo nominativo masculino singular “ποιῶν/*operando, praticando*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo A (século V d.C.). A leitura de “ποιῶν/*operando, praticando*” pode ser meramente o resultado da fusão de ου com ω como em alguns particípios, dado que o manuscrito A usa o masculino ποιῶν e o neutro ἀποδιδοῦν juntos. Já o termo “ποιοῦν/*produzindo*”, nominativo ou acusativo neutro, é uma leitura original (*lectio originalis*). Os critérios externos e internos favorecem a leitura de “ποιοῦν/*produzindo*”, nesse sentido, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original<sup>351</sup>.

5) O v.2 apresenta outra variante que é a substituição da expressão “ἕνα ἕκαστον/*a cada um*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 051<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), pelo M<sup>A</sup> (Grupo André, com inclusão de P). Outra variante sugerida no aparato crítico é o adjetivo indefinido nominativo masculino singular “ἕκαστος/*cada um*”, testemunhado pelos manuscritos minúsculos 1611<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), 1854. Mais uma variante é o adjetivo indefinido dativo masculino singular “ἑκάστῳ/*cada um*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 046. “ἕκαστον/*cada um*”, é uma leitura original (*lectio originalis*) e possui mais apoio de testemunhos externos de importância para o Apocalipse de João, enquanto as demais variantes são secundárias. Com o apoio dos critérios externos e internos, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original<sup>352</sup>.

6) O v.2 tem outra variante que é a substituição do particípio presente ativo “ἀποδιδοῦς/*dando*”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos κ, 046, 051<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), pelos minúsculos 1611<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), 1854, 2050, e pelo M<sup>K</sup> (Grupo *Koiné*, com inclusão de 046). A leitura “ἀποδιδοῦν/*dando*” é a leitura mais difícil (*lectio difficilior*) e seguramente é a

<sup>349</sup> SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 41.

<sup>350</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

<sup>351</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1140; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

<sup>352</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1141; FORD, J. M., Revelation, p. 338; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

mais confiável e que se aproxima do original<sup>353</sup>, visto que se baseia na forma reputada de ἀποδιδώω. Desta forma, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original.

7) O v.2 oferece ainda, mais uma variante que é a substituição da expressão “τοὺς καρπούς/*os frutos*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 8, pelos minúsculos 2030, 2377, pela versão sy<sup>ph</sup> (versão siríaca filoxeniana, texto revisado a pedido do bispo Filoxeno). É possível que os copistas possam ter cometido um equívoco voluntário devido ao plural “καρπούς/*frutos*” na linha anterior e modificaram o singular “τὸν καρπὸν/*o fruto*” para o plural, com a finalidade de harmonizar o texto, devido à compreensão de que “ξύλον ζωῆς/*árvore da vida*” tem um sentido coletivo. No entanto, os critérios externos e internos apoiam a leitura de “τὸν καρπὸν/*o fruto*” e, assim, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original<sup>354</sup>.

8) O v.2 traz mais uma variante que é a substituição das palavras “τῶν ξύλων/*das árvores*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 8. A palavra “τοῦ ξύλου/*da árvore*” é uma leitura original (*lectio originalis*), enquanto a variante “τῶν ξύλων/*das árvores*” é uma correção do escriba baseada no entendimento de ξύλον ζωῆς como uma frase nominal coletiva que significa “árvores da vida”. Com isso, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original<sup>355</sup>, inclusive por ser a *lectio communis* entre a maioria dos manuscritos de maior grandeza para o Apocalipse de João.

9) O v.3 apresenta uma variante que é substituição do verbo conjugado “λατρεύουσιν/*servem*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 046, pelos minúsculos 1611<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), 1854, 2062. A forma verbal “λατρεύουσιν/*servem*”, aparece apenas uma vez, em Ap 7,15, e o verbo “λατρεύσουσιν/*servirão*” também tem apenas uma ocorrência, em Ap 22,3. O que pode ter ocorrido na escrita do copista foi a troca de letras parecidas ou algum equívoco auditivo devido à pronúncia das duas formas verbais serem semelhantes em sua vocalização<sup>356</sup>. Desta forma, apoiando-se nos critérios externos, nos manuscritos de grande importância para o Apocalipse de João, e no critério interno de que a leitura mais difícil (*lectio difficillima*) é preferível, concorda-se com a variante assumida pelo NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original<sup>357</sup>.

10) O v.5 oferece uma variante que é a substituição do advérbio “ἐκεῖ/*lá, ali, naquele lugar*”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 051<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), pelo minúsculo 2377<sup>v.1</sup> (com uma leitura alternativa), pelo M<sup>A</sup> (Grupo André, com inclusão de P), pela versão sy<sup>ph</sup> (versão siríaca filoxeniana, texto revisado a pedido do bispo Filoxeno); a substituição do advérbio “ἐκεῖ/*lá, ali, naquele lugar*” é omitido pelo maiúsculo 046, pelos minúsculos 1611<sup>s</sup> (com leituras

<sup>353</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1141; FORD, J. M., Revelation, p. 338; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

<sup>354</sup> SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 41; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 71.

<sup>355</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1141.

<sup>356</sup> SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia”. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 61-62.

<sup>357</sup> SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 40-41; GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologi”. p. 220-221; WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 61-62.

acrescidas secundariamente), 1854, e pelo  $\mathfrak{M}^K$  (Grupo *Koiné*, com inclusão de 046). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição do advérbio “ἐκεῖ/lá, ali, naquele lugar”, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos  $\aleph$ , A, P, pelos minúsculos 1006, 1841, 2030, 2050, 2053, 2062, 2329, 2377<sup>txt</sup> (se refere a uma leitura alternativa), por latt (todos os manuscritos da versão latina), pela sy<sup>h</sup> (versões Siríaca Heracleana), e por co (todos os manuscritos da versão copta). Apesar de alguns manuscritos omitirem o advérbio “ἐτι/mais” ou substituí-lo por “ἐκεῖ/lá, ali, naquele lugar”, “ἐτι/mais” é a melhor leitura devido às evidências externas superiores. Com isso, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original<sup>358</sup>.

11) O v.5 traz uma outra variante, que é a substituição do substantivo grego “φῶς/luz” testemunhada pelos manuscritos minúsculos 2030, 2050, 2053, 2062, 2329, 2377; o substantivo grego “φῶς/luz” é omitido em parte da tradição, testemunhado pelos manuscritos maiúsculos 046, 051<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), pelos minúsculos 1611, 1854, pelo  $\mathfrak{M}$  (texto majoritário), por ar (manuscritos latinos isolados), por Ambr (Ambrósio). O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos  $\aleph$ , A, pelos minúsculos 1006, 1841, pela sy<sup>h</sup> (versões Siríaca Heracleana). A mesma variante grega “φῶς/luz” aparece mais uma vez como substituição em parte da tradição, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos A, P, 051<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), pelos minúsculos 2030, 2050, 2053, 2062, 2329, 2377. O texto de NA<sup>28</sup> (txt) preserva a estrutura da frase sem a substituição, testemunhada pelos manuscritos maiúsculos 046,  $\aleph$ , pelos minúsculos 1006, 1611<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), 1841, pelo  $\mathfrak{M}$  (texto majoritário), pela sy<sup>h</sup> (versões Siríaca Heracleana). O v.5 ainda apresenta uma outra variante que é a omissão do termo “ἡλίου/do sol”, testemunhada pelo manuscrito maiúsculo 046, pelos minúsculos 1611<sup>s</sup> (com leituras acrescidas secundariamente), 1841, pelo  $\mathfrak{M}^K$  (Grupo *Koiné*, com inclusão de 046). A razão para a omissão do primeiro “φωτός/de luz” e o seguinte “ἡλίου/do sol” em algumas testemunhas não é clara, embora seja evidente que a omissão foi um desenvolvimento secundário na história da tradição dos manuscritos<sup>359</sup>. Com isso, concorda-se com o texto da NA<sup>28</sup> como o texto que mais se aproxima do original.

### 3 Estrutura do livro de Apocalipse de João

A estrutura literária do Apocalipse de João é bem complexa, porém, não obstante isso, o arranjo estrutural desse livro colabora para o entendimento de suas mensagens, que vão sendo desenvolvidas ao longo de todo o livro. Os textos deste último livro do NT são caracterizados por um aspecto literário particular e suas seções mais importantes são repetidamente reconhecidas na declaração final de cada seção anterior. Um exemplo disso é a seção das sete mensagens para as igrejas (Ap 2–3), que são precedidas pela declaração final de Ap 1,20, da revelação do Cristo glorificado (Ap 1,9-20)<sup>360</sup>.

<sup>358</sup> BEALE, G. K., *The book of Revelation*, p. 1117.

<sup>359</sup> AUNE, D. E., *Revelation 17–22*, p. 1140.

<sup>360</sup> STEFANOVIC, R., *Finding meaning in the literary patterns of Revelation*, p. 27; BAUCKHAM, R., *The Climax of Prophecy*, p. 1.

No Apocalipse de João, por exemplo, podem ser vistas sete séries de sete: a primeira série são sete profecias direcionadas às sete Igrejas da Ásia (Ap 2–3: a sétima carta se abre para as visões proféticas e caminha para a segunda série); a segunda série traz os sete selos (Ap 6,1-17: o sétimo selo abrange toda a terceira série); a terceira série abarca as sete trombetas (Ap 8,1–11,14: a sétima trombeta compreende a quarta série); a quarta série apresenta os sete sinais no céu, logo após a uma introdução em Ap 11,6-19 (12,2–14,20: o sétimo sinal envolve a quinta série); a quinta série traz o derramamento das sete taças (Ap 16,2-16: a última taça engloba a sexta série); a sexta série apresenta os sete estágios da queda de Babilônia (Ap 17,1–19,5: o sétimo estágio da queda abrange a sétima série); a sétima série oferece diversas séries apocalípticas, como o cavaleiro do cavalo branco abrindo a série (Ap 19,17-18) e a nova Jerusalém (Ap 21,1–22,5)<sup>361</sup>.

Stefanovic considera o livro de Apocalipse de João estruturado com base nas cenas introdutórias em torno do Templo, indicando duas linhas desafiadoras de progressão: 1) a primeira linha traz um círculo completo se movendo da terra para o céu e, em seguida, de volta para a terra novamente; 2) a segunda linha apresenta uma progressão definitiva da inauguração do santuário celeste para a intercessão, para o julgamento e para a seção do santuário e, finalmente, para a sua ausência como é visto no esquema a seguir<sup>362</sup>.

- (1) Ap 1,12-20 TERRA
- (2) Ap 4–5 (Inauguração) CÉU
- (3) Ap 8,3-5 (Intercessão) CÉU
- (4) Ap 11,19 (Julgamento) CÉU
- (5) Ap 15,5-8 (Cessação) CÉU
- (6) Ap 19,1-10 (Ausência) CÉU
- (7) Ap 21,1–22,5 TERRA

Stefanovic e outros autores também consideram que há uma estrutura quiástica do Apocalipse de João, defendendo uma disposição de segmentos síncronos e tematicamente paralelos, exibindo um arcabouço de sete vezes, não colocando nessa ordem o prólogo e o epílogo, de acordo com a grande maioria das partes estruturais<sup>363</sup>.

- A. 1,1–8
- B. 1,9–3,22
- C. 4,1–9,21; 11,15–19
- D. 10,1–15,4
- C'. 15,1,5–19,10
- B'. 19:11–22:9
- A'. 22,10–22,21

<sup>361</sup> FORD, J. M., Revelation, p. 46-48.

<sup>362</sup> STEFANOVIC, R., Finding meaning in the literary patterns of Revelation, p. 33.

<sup>363</sup> STEFANOVIC, R., Finding meaning in the literary patterns of Revelation, p. 45; BEALE, G. K. The book of Revelation, p. 130.

Porém, fazendo uma comparação com o prólogo e o epílogo, os paralelos se evidenciam muito mais<sup>364</sup>, como se pode conferir no texto do livro do Apocalipse de João.

Ap 1,1	“mostrar ao seus servos”	Ap 22,6
Ap 1,1	“o que deve acontecer logo”	Ap 22,6
Ap 1,1	Jesus envia o seu anjo	Ap 22,6.16
Ap 1,3	“feliz quem lê e os que mantém”	Ap 22,7
Ap 1,3	“as palavras desta profecia”	Ap 22,7
Ap 1,3	“o tempo está próximo”	Ap 22,10
Ap 1,4	“as sete Igrejas”	Ap 22,16
Ap 1,8	“o Alfa e o Ômega”	Ap 22,13

Para Beale e Stefanovic, a melhor maneira de sintetizar de forma precisa os segmentos paralelos quiásticos do Apocalipse de João é o esquema representado por um grande quiásmo apresentado a seguir<sup>365</sup>.

A. Prólogo (Ap 1,1–8)

B. Promessas ao vencedor (Ap 1,9–3,22)

C. A obra de Deus para a salvação do homem (Ap 4,1–8,1)

D. A ira de Deus misturada com misericórdia (Ap 8,2–9,21)

E. Comissionando João para a profecia (Ap 10,1–11,18)

F. Grande controvérsia entre Cristo e Satanás (Ap 11,19–13,18)

E'. A Igreja proclama o evangelho do fim dos tempos (Ap 14,1–20)

D'. A ira final de Deus não misturada com misericórdia (Ap 15,1–18,24)

C'. A obra de Deus para a salvação do homem foi concluída (Ap 19,1–21,4)

B'. Cumprimento das promessas ao vencedor (Ap 21,5–22,5)

A'. Epílogo (Ap 22,6–21)

#### 4 A grande seção de Ap 21,1–22,5

A grande seção de Ap 21,1–22,5 é compreendida como as três descrições do fim (Ap 21,1–8; 21,9–27; 22,1,5) e formam uma unidade literária<sup>366</sup>. Essa última seção de Apocalipse de João é composta por algumas imagens conhecidas como o jardim do Éden, as águas purificadoras de Ezequiel 47 e a imagem do templo de Jerusalém, que mesmo não havendo a menção de templo aqui, há uma forte alusão ao culto hebraico<sup>367</sup>. Ap 21 forma uma unidade literária com duas partes, Ap 21,1–8, que conclui a última parte de todo o livro e Ap 21,9–27, com algumas semelhanças e dessemelhanças. Duas vezes é mencionada a Nova Jerusalém (Ap 21,2; 21,9–10). Ambas as partes finalizam com um versículo negativo com juízo ou advertência (Ap

<sup>364</sup> STEFANOVIC, R., Finding meaning in the literary patterns of Revelation, p. 38.

<sup>365</sup> STEFANOVIC, R., Finding meaning in the literary patterns of Revelation, p. 47; BEALE, G. K. The book of Revelation, p. 131.

<sup>366</sup> DU RAND, J. A., The imagery of the heavenly Jerusalem (Revelation 21:9–22:5), p. 75.

<sup>367</sup> PAULIEN, J., The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of the book of Revelation, p. 254; STEFANOVIC, R., Finding meaning in the literary patterns of Revelation, p. 37. Este autor afirma que a Festa dos Tabernáculos, apresentando a água e a luz que comemoram a água tirada da rocha e a coluna de fogo durante a peregrinação no deserto, têm seu cumprimento final em Ap 22,1–5.

21,8; Ap 21,27). Em Ap 21,1 pode ser vista uma continuação do tema de Ap 20,11, o qual traz a ideia do céu e terra fugindo da presença de Deus<sup>368</sup>. Soma-se a essas duas partes, o texto de Ap 22,1-5, que tem um parentesco entre as duas partes anteriores. O tema central de Ap 21,1-8 é a criação do novo mundo, visto na visão de João de um novo céu e uma nova terra (Ap 21). Já Ap 21,9-27, o cerne principal é a Nova Jerusalém celestial, e Ap 22,1-5 apresenta a temática do Templo futuro com as imagens do rio de água viva e a árvore da vida<sup>369</sup>.

Desde os capítulos 4 ao 20, o autor apocalíptico se concentrou nos aspectos dos tempos presente, passado e futuro. A última seção do Apocalipse de João, Ap 21,1–22,5, é o Juízo final de Cristo e o seu triunfo que são narrados. Ap 21,1–22,5 cria um contraste entre a igreja aperfeiçoada e a igreja imperfeita de Ap 1–3. Enquanto Ap 1–3 se preocupou com as fraquezas da igreja no tempo e no mundo, Ap 21,1–22,5 concentrou-se na igreja em seu estado de perfeição<sup>370</sup>. Para Aune, a última grande seção inicia-se, em Ap 21,9–22,9, com fortes relações textuais com a seção de Ap 17,1–19,10, tendo frases idênticas nessas duas seções como em Ap 17,1-3; 19,9-10 e 21,9-10; 22,6-9<sup>371</sup>. Essas duas grandes seções textuais utilizam imagens femininas antitéticas: a primeira (Ap 17,1–19,10) se concentra em Roma-Babilônia sob a metáfora dominante de uma prostituta, enquanto a segunda (Ap 21,9–22,9) se resume na cidade escatológica de Deus, a Nova Jerusalém, sob o símbolo da noiva, a esposa do Cordeiro<sup>372</sup>.

Há ainda, uma outra particularidade estrutural habitualmente reconhecida é o contraste entre a cidade prostituta de Babilônia em Ap 17–18 e a cidade-templo, a nova Jerusalém de Ap 21–22. Essas extensas áreas de acordo insinuem que existe um caso admissível para postular uma macroestrutura que insere as diversas características estruturais do livro de Apocalipse de João sem haver danos à sua complexidade<sup>373</sup>. Além disso, Ap 21,1–22,5 faz uso de textos proféticos como Ez 37,27; 40–48; Is 54,11–12<sup>374</sup>.

Ao se fazer uma básica análise em Ap 21–22 fica evidente diversos aspectos do reino divino. O primeiro aspecto é que o reino será geofísico: ele tem características geográficas a ausência de um mar (Ap 21,1), a presença de uma cidade (Ap 21,2), uma alta montanha (Ap 21,10), um rio com margens (Ap 22,1-2) e uma árvore que produz frutos (Ap 22,1-2). Ocupa espaço físico (Ap 21,16-17) e engloba a atividade física de seus habitantes (Ap 21,24). O apóstolo João a descreve como uma terra de cores brilhantes e beleza requintada, como joias deslumbrantes (Ap 21,19-21). Há até uma referência feita à marcação do tempo, como meses e estações, na eternidade futura (Ap 22,2); a segunda característica é que o reino será sociopolítico, nela terá uma capital, a Nova Jerusalém (Ap 21,2). A própria cidade tem portões, muros altos, fundações, nomes gravados e ruas (Is 62,3-5). Seus habitantes se comunicam através da fala e da

<sup>368</sup> PRINGENT, P., O Apocalipse, p. 377; BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1039; OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 813; DECOCK, P. B., The scriptures in the Book of Revelation, p. 380.

<sup>369</sup> PRINGENT, P., O Apocalipse, p. 378; MOUNCE, R. H., The Book of Revelation, p. 379.

<sup>370</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1039; OSBORNE, G. R., Revelation, p. 726; ALEGRE, X., Apocalipse, p. 215.

<sup>371</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1144; DECOCK, P. B., The scriptures in the Book of Revelation, p. 379.

<sup>372</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1144; BAUCKHAM, R., The Climax of Prophecy, p. 133.

<sup>373</sup> BANDY, A. S., The Layers of the Apocalypse, p. 473.

<sup>374</sup> BEALE, G. K., Eden, the temple, and the church's mission in the new creation, p. 5.

escrita (Ap 21,3.5). Há hierarquia governamental (Ap 212-4), um sistema econômico em curso (Ap 21,24) e alguma forma de distinção nacional (Ap 21,24.26). Mas, o mais importante, o trono do Rei está presente na nova terra (Ap 22,1.5).<sup>375</sup>

O terceiro aspecto é que o reino será espiritualmente perfeito, o pecado e seus efeitos desaparecerão (Ap 21,4), assim, não haverá mais separação entre Deus e o homem (Ap 21,2-3). Não haverá mais sede espiritual (Ap 21,6-7) Em vez disso, a essência da vida girará em torno da comunhão face a face com Deus (Ap 22,4-5). Nenhuma influência pecaminosa ou pessoas não regeneradas serão permitidas dentro de seus territórios (Ap 21,8.27); e a quarta característica é que o reino será divinamente glorioso, a Nova Jerusalém será a joia da coroa da nova terra, irradiando a glória de Deus (Ap 21,11), o Deus Uno e Trino – Pai (Ap 21,22), Filho (Ap 22,1.5) e Espírito Santo (Ap 21,10) – vão estar presente no meio de seu povo, A glória de Senhor permeará no mundo inteiro (Ap 22,5), de tal forma que não haverá necessidade do sol ou da lua (Ap 21,23).<sup>376</sup>

Ap 21–22 apresentam o futuro da terra com imagens vívidas, com um forte destaque aqui em toda a criação, obtendo o fim que se destina. Desta forma, para se falar de alguma temática entre outros assuntos, há ecos de Gn 1–2, em que é possível observar não apenas a restauração da criação, mas também para a sua transformação que vai além do que era no seu início, para se converter em algo verdadeiramente novo<sup>377</sup>. Se as águas e as trevas jazessem lá desde o princípio da primeira criação conforme Gn 1,2, o mar e a noite não encontrariam mais lugar na nova criação em Ap 21,1; 22,5; e os resultados da tragédia do pecado e da desobediência do homem em Gn 3, morte, tristeza, luto, dor e maldição em Ap 21,4; 22,3 estão, portanto, ausentes da nova criação<sup>378</sup>.

## **5 O uso do Antigo Testamento em Ap 22,1-5**

De todos os livros ou cartas do NT, o Apocalipse de João é o escrito neotestamentário que mais tem ocorrências de textos do AT, mas em sua maioria de alusões e ecos e não de citações diretas. Segundo Beale e McDonough, o AT é representado no Apocalipse de João pelos livros do “Pentateuco, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, Salmos, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Jó, Profetas Maiores e Profetas Menores<sup>379</sup>. Cerca de metade das referências provêm de Salmos, Isaías, Ezequiel e Daniel<sup>380</sup>. Outros livros que podem ter sido usados pelo autor do Apocalipse de João são alguns dos chamados pseudoepígrafos, como: 1 Enoque, 2 Esdras, 4 Esdras, Jubileu, Apocalipse de Moisés e outros texto que circulavam entre as Igrejas<sup>381</sup>. Nas alusões e ecos dentro do inteiro livro do Apocalipse de João, há sim, diversas formas de usos de “vocabulários, tipos, figuras, referências e até acontecimentos, todos tomados de livros

<sup>375</sup> BUSENITZ, N., *The Kingdom of God and the Eternal State*, p. 259; DU RAND, J. A., *The imagery of the heavenly Jerusalem (Revelation 21:9–22:5)*, p. 75.

<sup>376</sup> BUSENITZ, N., *The Kingdom of God and the Eternal State*, p. 259.

<sup>377</sup> MOO, J., *Continuity, Discontinuity, and Hope*, p. 40.

<sup>378</sup> MOO, J., *Continuity, Discontinuity, and Hope*, p. 40.

<sup>379</sup> BEALE, G. K., *The Use of the Old Testament in the Apocalypse*, p. 129.

<sup>380</sup> BEALE, G. K.; MCDONOUGH, S. M., *Apocalypse*, p. 1319; BEALE, G. K., *The Use of the Old Testament in the Apocalypse*, p. 129; OLADOSU, O. T.; ALU, C. O., *The use of Old Testament in the Book of Revelation*, p. 1.

<sup>381</sup> BEALE, G. K., *John’s Use of the Old Testament in Revelation*, p. 60-61.

do AT”<sup>382</sup>. Para Alegre, sobre “as citações e alusões ao Antigo Testamento, o Apocalipse de João poderia ser visto como um *puzzele* (quebra-cabeças) do Antigo Testamento”<sup>383</sup>.

Uma dificuldade encontrada no Apocalipse de João é a identificação dos textos veterotestamentários que o autor apocalíptico fez uso, já que não são encontradas citações diretas, mas sim, alusões e ecos do AT, que podem ser do texto hebraico ou o texto grego e até mesmo da junção dos dois textos para o desenvolvimento do uso do AT no Apocalipse de João <sup>384</sup>. Não sendo citação direta e explícita, isso dificulta e muito identificar a origem do texto do AT no NT, pois falta justamente a materialidade do mesmo, que só se encontra na citação, não sendo possível pretender isso em alusão e/ou eco, que são referências implícitas, porém, para todo o NT, o mais comum é o uso da fonte grega (LXX). Segundo Robertson, no Apocalipse de João, no que diz respeito ao uso do AT, possivelmente há uma maior influência do texto hebraico do que a tradução grega (LXX)<sup>385</sup>. O tema deste artigo engloba a questão do “uso do Antigo Testamento em Ap 22,1-5”. Há uma consciência entre os estudiosos de que no tempo em que o autor estava escrevendo a sua revelação, ainda não havia uma ideia formada a respeito de AT e NT, que vai ser fixado enquanto cânon no final do século IV d.C.<sup>386</sup>

O autor do Apocalíptico de João não afirma categoricamente que a Sagrada Escritura veterotestamentária se cumpre como faz o evangelista Mateus, com suas palavras de cumprimentos. O Apocalipse de João se molda de várias formas para trabalhar o AT, pois a sua perspectiva não é um olhar para o cumprimento do AT na vida de Jesus como temos no evangelho mateano, por exemplo, mas uma vista para frente, para o cumprimento que surgirá com base nas coisas grandiosas que Deus fez por meio de Jesus Cristo, seu Filho.<sup>387</sup>

Ap 22,1 traz a imagem profética do rio de água da vida. Possivelmente, o autor tinha em sua cabeça os textos de Gn 2,8-9; Ez 47,1-9 e Zc 14,8. Este último texto oferece a ideia de que: “καὶ ἐν τῇ ἡμέρᾳ ἐκείνῃ ἐξελεύσεται ὕδωρ ζῶν ἐξ Ἱερουσαλὴμ/*e naquele dia sairá água viva de Jerusalém*” (Zc 14,8); em Gn 2,10, o rio sai do Éden: “ποταμὸς δὲ ἐκπορεύεται ἐξ Εδέμ/*e um rio saia do Éden*”; em Ez 47,1, o rio sai do Templo: “καὶ ἰδοὺ ὕδωρ ἐξεπορεύετο ὑποκάτωθεν τοῦ αἰθρίου/*e eis que saiam águas de debaixo do limiar do templo*”; em Ap 22,1 o rio sai do “trono de Deus e do Cordeiro”: “ἐκπορευόμενον ἐκ τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου/*saindo do trono de Deus e do Cordeiro*”<sup>388</sup>. O rio de Ap 22,1 retrata a cidade como o paraíso restaurado<sup>389</sup>. Ap 22,1 ainda alude, a partir da LXX, ao Sl 46,5, que apresenta um rio que alegra a cidade de Deus: “τοῦ ποταμοῦ τὰ ὀρμήματα εὐφραίνουσιν τὴν πόλιν τοῦ θεοῦ/*há um rio, cujos ímpetos alegram a cidade de Deus*”, tratando-se de uma simbologia, nos vv.4b-5, para

<sup>382</sup> BELLI, F. et al., Vetus in Novo, p. 223.

<sup>383</sup> ALEGRE, X., Apocalipse, p. 196.

<sup>384</sup> BEALE, G. K.; MCDONOUGH, S. M., Apocalipse, p. 1319; BEALE, G. K., John’s Use of the Old Testament in Revelation, p. 61.

<sup>385</sup> ROBERTSON, A. W., El Antiguo Testamento em el Neuvo, p. 221.

<sup>386</sup> GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos (2019).

<sup>387</sup> DECOCK, P. B., The scriptures in the Book of Revelation, p. 405.

<sup>388</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1104; OSBORNE, G. R., Apocalipse, p. 861; MOUNCE, R. H., The Book of Revelation, p. 398; LANGE, J. P et al., Revelation, p. 387; POHL, A., Apocalipse de João II, p. 279; PRINGENT, P., O Apocalipse, p. 407.

<sup>389</sup> STUCKENBRUCK, L. T., Revelation, p. 1570; MAZZAROLO, I., O Apocalipse, p. 173.

falar da presença de Deus, que garante a segurança da cidade e de seu templo, bem como das bênçãos que procedem de Deus (Is 12,3; 35,7)<sup>390</sup>. O rio de água da vida de Ap 22,1 retrata bem Ez 47,9, pois em Ezequiel é realçado o poder vivificante das águas: “ζήσεται πᾶν ἐφ’ ὃ ἄν ἐπέλθῃ ὁ ποταμὸς ἐκεῖ ζήσεται/viverá todo lugar que esta água passar”<sup>391</sup>.

Enquanto o rio em Gn 2,10 fluía para fora do jardim e o rio em Ez 47,1 corria para fora do templo, o rio de Ap 22,1 rio mana “ἐκ τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἁρνίου/*do trono de Deus e do Cordeiro*”. Desta forma, a fonte deste rio é o próprio Deus<sup>392</sup>. Segundo o texto do AT, o rio fluía debaixo do limiar do templo para o leste, passando pelo altar e, finalmente, para o Mar Morto, onde curaria a água de sua salinidade para que muitos peixes pudessem novamente viver nele<sup>393</sup>. De acordo com o AT, a origem da água da vida é o templo na cidade de Jerusalém (Ez 47,1; Jl 4,18; Zc 13,1; 14,8); isso não significa que se deve esperar um novo culto no templo, mas sim, pelo próprio Deus salvador, porque as águas “saem do trono de Deus e do Cordeiro”<sup>394</sup>. O rio de água da vida pode ser considerado como uma metáfora à justiça (Pv 10,1; 1 Enoque 48,1)<sup>395</sup>. A expressão “λαμπρὸν ὡς κρύσταλλον/*brilhante como cristal*”, de Ap 22,1, é paralela à de Ap 4,6, “θάλασσα ὑαλίνη ὁμοία κρυστάλλῳ/*mar de vidro semelhante a cristal*”, à de Ap 21,11, “λίθῳ ἰάσπιδι κρυσταλλίζοντι/*pedra de jaspe cristalina*”, e à de Ap 21,18, “ὑάλῳ καθαρῷ/*vidro puro*”, ressaltando a glória do Éden escatológico<sup>396</sup>.

Não é apenas a imagem do rio da vida que se encontra no Apocalipse de João, mas há a figura da árvore da vida. As duas imagens são retratadas juntas em Ap 22,1-2. A árvore da vida pode ser uma alusão a Ez 47,12, em que há uma abundância de árvores plantadas nas margens do rio: “ἐνθεν καὶ ἐνθεν πᾶν ξύλον βρώσιμον/*de um lado e de outro, toda a árvore comestível*”, e a Gn 2,9: “ξύλον τῆς ζωῆς ἐν μέσῳ τῶ παραδείσῳ/*árvore da vida no meio do jardim*”, que também é um texto aludido pelo autor do Apocalipse de João, que rememora o tema do Éden, mas que agora é restaurado<sup>397</sup>. O que Ezequiel apresenta sobre as árvores remete ao paraíso antigo de Gn 2,9-10; e tanto o profeta Ezequiel, quanto o autor Apocalipse de João antevêm, assim, um restabelecimento escalado do paraíso do início da criação, em que a presença de Deus habitava diretamente<sup>398</sup>. O autor joanino modificou habilmente a expressão “todos os tipos de árvores”, em ambos os lados do rio, que fluem do santuário, referido em Ez 47,7.12, para o termo coletivo “ξύλον ζωῆς/*árvore(s) da vida*”. O substantivo “ξύλον/*árvore*” é um coletivo que se refere a numerosas árvores encontradas ao longo de ambas as margens do rio. Há exemplos do uso singular de “ἄνθος/*árvore*” ou “ξύλον/*árvore*”, com um sentido coletivo, encontrados nos textos de Gn 1,11-12; 3,8; Lv 26,20; 1Cr 16,32; 2Cr 7,13; Ecl 2,5; Jr 17.2<sup>399</sup>.

<sup>390</sup> BARCLAY, W., Comentario Al Nuevo Testamento, p. 1190.

<sup>391</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1104.

<sup>392</sup> OSBORNE, G. R., Revelation, p. 769.

<sup>393</sup> MOUNCE, R. H., The Book of Revelation, p. 398; PATTERSON, P., Revelation, p. 375.

<sup>394</sup> POHL, A., Apocalipse de João II, p. 279.

<sup>395</sup> DU RAND, J. A., The imagery of the heavenly Jerusalem (Revelation 21:9–22:5), p. 78.

<sup>396</sup> OSBORNE, G. R., Revelation, p. 769.

<sup>397</sup> PRINGENT, P., O Apocalipse, p. 407; FEE, G. D., Revelation, p. 304; ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L., Profetas II, p. 879.

<sup>398</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1106.

<sup>399</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1177; PRINGENT, P., O Apocalipse, p. 409.

Em 2Esd 8,52, a árvore da vida é conectada com a era vindoura e uma cidade construída; e em 2Esd 2,12, ela está ligada com o reino preparado para os fiéis; em 1Enoque 25,4-5, ela está relacionada à consumação de todas as coisas e será oferecida aos justos e santos para alimentação. No Apocalipse de Moisés, o trono de Deus está situado onde está a árvore da vida (Apocalipse de Moisés 22,4); a mesma imagem é encontrada em 2Enoque 8,3; e a Adão é prometida a árvore da vida quando a ressurreição vier (Apocalipse de Moisés 28,4; 4Esd 7,53; 8,52)<sup>400</sup>. Observe-se que em Ap 21,1.3, o autor apresenta um trono para Deus e o Cordeiro: “τοῦ θρόνου τοῦ θεοῦ καὶ τοῦ ἀρνίου/*trono de Deus e do Cordeiro*”; não são dois tronos, mas apenas um, pois a ideia do Cordeiro compartilhando o trono de Deus não é de se admirar quando se percebe nos textos de 1Enoque que se referem ao Eleito e/ou ao Filho do Homem sentado em seu trono de glória (1Enoque 45,3; 51,3; 61,8; 62,3.5; 69.27.29)<sup>401</sup>.

Em Ap 22,2 está escrito que a árvore da vida está “ποιοῦν καρποὺς δώδεκα/*produzindo doze frutos*” e que “τὰ φύλλα τοῦ ξύλου εἰς θεραπείαν τῶν ἐθνῶν/*as folhas da árvore eram para a cura das nações*”. Essa descrição do Apocalipse de João a respeito dos frutos e das folhagens da árvore é uma alusão a Ez 47,12: “οὐδὲ μὴ ἐκλίπη ὁ καρπὸς αὐτοῦ/*de jeito nenhum fenecerá o seu fruto*” e “καὶ ἔσται ὁ καρπὸς αὐτῶν εἰς βρῶσιν καὶ ἀνάβασις αὐτῶν εἰς υἰγιάν/*e o seu fruto será para alimento e suas folhas para saúde*”. Em Ap 22,2, de forma milagrosa, a árvore produz doze tipos de frutos diferentes, uma espécie de fruto a cada mês; e em Ez 47,2 as árvores frutificam uma nova colheita de frutos a cada mês<sup>402</sup>. Segundo Moyise, Ap 22,2 é realmente baseado em Ez 47,12, a partir do texto hebraico, pois a LXX traz alguns aspectos diferentes que são relevantes para o uso de João; um destes aspectos é que Ez 47,12 não traz a ideia da árvore dando frutos todos os meses, mas apenas apresenta sua colheita inicial: “τῆς καινότητος αὐτοῦ πρωτοβολήσει/*produzirá do seu novo fruto*”; o outro aspecto, tem a ver com a declaração das folhas da árvore, em que não é dito que elas curam, mas sim, fala da ascensão da árvore<sup>403</sup>.

É evidente que a fecundidade milagrosa é repetidamente associada ao contexto do *eschaton*. A expressão “θεραπείαν τῶν ἐθνῶν/*cura das nações*” é mais uma alusão a Ez 47,12, mesmo que de forma mecânica, mesmo que o autor do Apocalipse de João tenha acrescentado o termo “nações”, visto que não havia no plano escatológico da revelação uma ideia para “θεραπείαν τῶν ἐθνῶν/*cura das nações*” interpretada como sua conversão, mas o autor apocalíptico interpretou que a frutificação prevista do novo cosmos, em Ez 47,12, seria como que o restabelecimento de um Éden eterno, já que em Ezequiel, o povo se refere apenas ao Israel nacional, recebendo a cura<sup>404</sup>. É possível ainda, observar que os dois motivos do fruto do paraíso e da cura também estão ligados em 4Esd 7,123, que fala do “paraíso e do seu fruto imperecível, fonte de perfeita satisfação e cura”<sup>405</sup>.

Ao acrescentar a palavra grega “ἐθνῶν/*nações*”, o autor do Apocalipse de João modifica de forma expressiva a sua alusão do AT, de Ez 47,12, em que as folhas das

<sup>400</sup> MULHOLLAND, M. R. Jr., Revelation, p. 597; LADD, G. E., Apocalipse, p. 214.

<sup>401</sup> FORD, J. M., Revelation, p. 345; AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1179.

<sup>402</sup> OSBORNE, G. R., Revelation, p. 772.

<sup>403</sup> MOYISE, S., The language of the Old Testament in the Apocalypse, p. 104.

<sup>404</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1107; OSBORNE, G. R., Revelation, p. 772; LANGE, J. P et al., Revelation, p. 388; BORING, M. E. Revelation, p. 221.

<sup>405</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1178.

árvores serão para a cura, enquanto Ap 22,2 aponta que a cura é para as nações “τῶν ἐθνῶν/*das nações*”. Consideravelmente, Ap 22,2 examinou a distinção em Ezequiel entre “פֵּרוֹת/*fruto*” e folhas “לְהוֹר/*folha*”, para mais uma vez harmonizar uma menção ao povo da aliança particular, “καρπούς δώδεκα/*doze frutos*”, e a inserção das nações, “φύλλα εἰς θεραπείαν/*folhas para curar*”, compartilhando da vida escatológica<sup>406</sup>. Essa ideia insinua que a cura em Ap 22,2 precisa ser vista como mais do que a formação da Igreja universal, mas como uma alusão à conversão das nações, nos últimos dias, para serem o único povo de Deus e do Cordeiro<sup>407</sup>.

Em Ap 22,3, o autor afirma que na nova cidade não haverá mais maldição: “καὶ πᾶν κατάθεμα οὐκ ἔσται ἔτι/*e toda maldição, não haverá mais*”. Mas, uma vez o autor neotestamentário faz uma alusão, a partir da LXX, do texto de Zc 14,11, que traz a leitura do texto hebraico, “לֹא יִהְיֶה עוֹד לְמַלְדִּיּוֹת/*e maldição não haverá mais*”, que a LXX traduziu literalmente como: “καὶ οὐκ ἔσται ἀνάθεμα ἔτι/*e não haverá mais maldição*”<sup>408</sup>. A palavra “κατάθεμα/*maldição*” é um *hápax legómenon* no livro de Apocalipse de João e nos dois Testamentos<sup>409</sup>. As duas palavras gregas diferentes para maldição: κατάθεμα, no Apocalipse de João, e ἀνάθεμα, em Zacarias, são sinônimas e traduzem fielmente o termo hebraico “מַלְדִּיּוֹת/*maldição*”, que no AT era utilizado para proibição da destruição colocada sobre alguém ou sobre uma nação apóstata, por causa do pecado<sup>410</sup>. A palavra hebraica “מַלְדִּיּוֹת/*maldição*” pode significar ainda “tanto o ato da maldição como o objeto dela, a pessoa ou a coisa maldita”<sup>411</sup>. A promessa da remoção da maldição lembra os julgamentos de Deus sobre Adão e Eva em Gn 3,1-4.17-19, por suas rebeliões e desobediências, e por causa das nações com a criação de seus deuses e, por isso, toda a criação geme, sofre e chora (Rm 5,12-21), mas agora, no Apocalipse de João, na nova cidade, indica-se que a maldição do pecado será retirada definitivamente<sup>412</sup>. Não haverá nenhuma forma de maldição na nova Jerusalém, pois ela conta apenas com a presença consumada e governante de Deus e do Cordeiro.

Com a retirada da maldição, o autor escreve em Ap 22,3c: “καὶ οἱ δοῦλοι αὐτοῦ λατρεύσουσιν αὐτῷ/*e os seus servos o servirão*”, com o sentido de servir como sacerdotes, tendo em vista que a presença de Deus e do Cordeiro garantem a possibilidade de os seus servos responderem com o seu servir. Tanto em Ap 22,3c como em 7,15, λατρεύω oferece um duplo significado de “serviço” e “adoração”, com todas as brilhantes acepções do AT de serviço de culto e adoração no tabernáculo e no templo<sup>413</sup>. O termo λατρεύω ainda demonstra que os servos do Senhor “λατρεύουσιν/*servem*” a Deus na cidade santa como sacerdotes e realizam o trabalho sacerdotal no templo escatológico, e isso pode ser um eco de Is 61,6, segundo a LXX: “ὕμεις δὲ ἱερεῖς κυρίου

<sup>406</sup> MATHEWSON, D., *The Destiny of the Nations in Revelation 21:1–22:5*, p. 139.

<sup>407</sup> MATHEWSON, D., *The Destiny of the Nations in Revelation 21:1–22:5*, p. 139; BEALE, G. K., *John's Use of the Old Testament in Revelation*, p. 16.

<sup>408</sup> KISTEMAKER, S., *Apocalipse*, p. 730.

<sup>409</sup> AUNE, D. E., *Revelation 17–22*, p. 1179.

<sup>410</sup> BEALE, G. K., *The book of Revelation*, p. 1112; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 773; LANGE, J. P et al., *Revelation*, p. 389; WAWERU, H., *Postcolonial and Contrapuntal Reading of Revelation 22:1-5*, p. 149.

<sup>411</sup> PRINGENT, P., *O Apocalipse*, p. 409.

<sup>412</sup> MOUNCE, R. H., *The Book of Revelation*, p. 400; PATTERSON, P., *Revelation*, p. 376; BORING, M. E., *Revelation*, p. 218; MILLOS, P. S. P., *Apocalipsis*, p. 1324; BORING, M. E., *Introdução ao Novo Testamento*, p. 1169.

<sup>413</sup> OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 773; LANGE, J. P et al., *Revelation*, p. 389.

κληθήσεσθε/*mas vós sereis chamados sacerdotes do Senhor*”. A noção de servos de Deus dando adoração a ele ocorre em Sl 22,23; Is 49,7; Dn 3,28; é usada em um sentido negativo de escravos adorando ídolos<sup>414</sup>; “λατρεύουσιν αὐτῷ/*o servirão*” possivelmente não se refere apenas a Deus ou ao Cordeiro; os dois são concebidos como uma unidade, tanto que o pronome singular pode se referir a ambos<sup>415</sup>.

Ap 22,3-4 é importante no que tange ao futuro serviço sacerdotal e às vantagens dos sacerdotes de Deus. A expressão “καὶ οἱ δοῦλοι αὐτοῦ λατρεύουσιν αὐτῷ/*os seus servos o servirão*” indica pequenas observações a respeito do que o povo de Deus fará na cidade santa. A locução “servos de Deus”, que aqui no texto corresponde a “δοῦλοι αὐτοῦ/*seus servos*” é uma forma básica para se identificar o povo de Deus no AT, supondo que todos irão se dedicar e servir apenas a Deus, e somente a ele. No grego do AT, na LXX, o verbo λατρεύω é reservado apenas para o serviço religioso a Deus ou a falsos deuses. Por causa disso, muitas vezes é ele traduzido como “adoração”<sup>416</sup>.

O servir e o adorar em Ap 22,3c rememora a tradição do paraíso, em que Adão foi colocado por Deus para trabalhar. O verbo hebraico para trabalhar é “עָבַד/*trabalhar*”, que, na maioria das vezes, é traduzido pela LXX pelo verbo λατρεύω, com a conotação de “adorar” e “obedecer”. O paraíso primitivo se tornou um protótipo do tabernáculo, criando assim, um paralelo importante entre o Éden e a nova Jerusalém, em que o autor do Apocalipse de João entendeu que ali os salvos realizariam a intenção original de Deus para a criação dos homens<sup>417</sup>.

Ap 22,3c tem uma forte ligação com o jardim do Éden e coloca-o como o primeiro templo do AT e Adão como o primeiro sacerdote do Éden e do grande templo. Segundo Beale, algumas características podem confirmar essa possibilidade: para Israel, o templo de Salomão era o ambiente da presença de Deus por excelência, ao qual o povo precisava fazer-se presente para experienciar a face de Deus; em Gn 2,15, o Senhor pôs Adão no jardim para cultivá-lo e guardá-lo; os verbos hebraico “עָבַד/*servir*” e “שָׁמַר/*guardar*” ocorrem juntos mais tarde no AT, sem exceção, e têm esse significado e se referem aos israelitas servindo e guardando/obedecendo à palavra de Deus (Nm 3,7-8; 8,25-26; 18,5-6; 1Cro 23,32; Ez 44,14); a árvore da vida era possivelmente um arquétipo do candelabro colocado do lado de fora do Santo dos Santos no templo em Israel; o Éden como primeiro templo dá sugestões de que o templo de Jerusalém tinha esculturas de madeiras que refletiam uma atmosfera do jardim; a arca da aliança, no Santo dos Santos, ecoa a árvore do conhecimento do bem e do mal, e quem tocasse a arca seria morto, como aconteceu ao homem ao comer do seu fruto; assim como um rio correndo do Éden (Gn 2,10), assim o templo do pós-exílio e o templo escatológico de Ez 47,1-12 e Ap 21,1-2 têm rios manando para fora de seu centro<sup>418</sup>.

A nova cidade, que é descrita em Ap 21,1–22,5, é como um templo, porque o templo que é semelhante à presença de Deus abarca toda a Terra por causa da obra redentora de Jesus Cristo, o Cordeiro. Nos últimos dias, o verdadeiro templo descenderá inteiramente do monte e preencherá toda a criação, conforme Ap 21,1-3.10.21.22. A

<sup>414</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1179.

<sup>415</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1113.

<sup>416</sup> HOSKINS, P. M., Priesthood in the Book of Revelation, p. 115.

<sup>417</sup> OSBORNE, G. R., Revelation, p. 774.

<sup>418</sup> BEALE, G. K., Adam as the First Priest in Eden as the Garden Temple, p. 10-15.

nova criação é equivalente a um jardim-templo edênico escalado, pois, agora, Cristo finalmente fez com que o jardim-templo fosse expandido por todo o mundo<sup>419</sup>.

Segundo Ap 22,4a, os servos do Senhor “ὄψονται τὸ πρόσωπον αὐτοῦ/*verão a sua face*”. Na antiguidade, a presença de Deus estava no templo em Israel; no tempo escatológico, a face de Deus estará plenamente na cidade-templo, com acesso disponível para todos os santos, e essa esperança já era desejo dos fiéis do AT (Sl 11,4.7; 27,4; 42,2; 4 Esd 7,98; Test. Zebulom 9,8)<sup>420</sup>. Entre os hebreus, Moisés, o grande legislador, não teve a permissão divina de contemplar a face do Senhor; Deus havia declarado: “καὶ εἶπεν οὐ δύνησιν ιδεῖν μου τὸ πρόσωπον/*e disse, não poderás ver a minha face*” (Ex 33,20-23), ele somente poderia ver a Deus pelas costas; essa era a esperança do salmista, no Sl 17,15: “ἐγὼ δὲ ἐν δικαιοσύνῃ ὀφθήσομαι τῷ προσώπῳ σου/*mas eu, na justiça verei a tua face*”<sup>421</sup>. No judaísmo primitivo e no cristianismo, ver a face de Deus é uma metáfora que desencadeia uma consciência plena da presença de Deus (Jó 33,26; Sl 10,11; 17,15; 3Jo 1,11), por adoração (Sl 42,2) ou por contemplar a Deus por uma visão profética (Is 6,1)<sup>422</sup>. Em ambos os mundos, judaísmo primitivo e cristianismo primitivo, a permissão para ver a face de Deus era como um favor escatológico (Sl 84,7; Mt 5,8; 1Jo 3,2; Hb 12,14; Jub 1,28; 4Esd 7,91.98; 1Enq 102,8)<sup>423</sup>.

Ap 22,4b afirma que os santos terão o nome do Senhor gravado em suas frentes “καὶ τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἐπὶ τῶν μετώπων αὐτῶν/*e o seu nome estará sobre as frentes deles*”. Esta parte do texto pode muito bem ecoar alguns textos do AT, como Ex 28,36-38, em que está escrito “הַיְהוָה שְׂרָרָה/*santidade para YHWH*”, no texto hebraico, e sua tradução fiel pela LXX, “ἀγίασμα κυρίου/*santidade do Senhor*”<sup>424</sup>. A afirmação de Ap 22,4b enfatiza a ideia de comunhão profunda com Deus; não é coincidência que na testa do sumo sacerdote estava escrito o nome do Senhor, e isso realça a natureza sacerdotal do novo Israel de Deus<sup>425</sup>. Is 62,2 e 65,15 também falam sobre o nome do Senhor. Ao tomar o AT como pano de fundo para sua mensagem, o autor do Apocalipse de João acredita que o nome de Deus escrito nos crentes é uma forma simbólica de perceber a presença de Deus no meio de seu povo, que os protege e os guia<sup>426</sup>.

Ap 22,5 é a conclusão da grande seção de Ap 21,1–22,5. O v.5 repete o início da visão em Ap 21,1.4, com a expressão temática “οὐκ ἔσται ἔτι/*não haverá mais*”, que aparece três vezes<sup>427</sup>. Aqui, o autor faz alusão a Is 60,19-20: “καὶ οὐκ ἔσται σοι ὁ ἥλιος/*e não haverá sobre ti o sol*”, em que o profeta anunciou que no tempo futuro de Sião, a luz do sol e a luz da lua seriam substituídas pelo brilho eterno da glória de Deus: “ἀλλ’ ἔσται σοι κύριος φῶς αἰώνιον καὶ ὁ θεὸς δόξα σου/*mas o Senhor será a tua luz eterna e Deus, a tua glória*”. Zacarias é outro profeta lembrado pelo autor do Apocalipse de João, pois ele profetizou que, em um futuro distante, dia e noite não serão mais divididos, mas será um dia contínuo: “καὶ οὐχ ἡμέρα καὶ οὐ νύξ καὶ πρὸς ἑσπέραν ἔσται

<sup>419</sup> BEALE, G. K., Adam as the First Priest in Eden as the Garden Temple, p. 27.

<sup>420</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1114.

<sup>421</sup> MOUNCE, R. H., The Book of Revelation, p. 399; BARCLAY, W., Comentario Al Nuevo Testamento, p. 1190; PRINGENT, P., O Apocalipse, p. 410; LADD, G. E., Apocalipse, p. 214.

<sup>422</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1179.

<sup>423</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1180.

<sup>424</sup> OSBORNE, G. R., Revelation, p. 775.

<sup>425</sup> MULHOLLAND, M. R. Jr., Revelation, p. 595; GALLUSZ, L., Thrones in the Book of Revelation, p. 89.

<sup>426</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1114.

<sup>427</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1115; AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1181.

φῶς/ não será dia e nem noite, mas haverá luz à tarde” (Zc 14,7)<sup>428</sup>. Na cidade santa do Apocalipse de João, a presença constante de Deus e do Cordeiro com toda sua glória, por si só, tornará desnecessário qualquer tipo de luz produzida pelo mundo antigo<sup>429</sup>.

A frase de Ap 22,5c: “ὅτι κύριος ὁ θεὸς φωτίσει/porque o Senhor Deus brilhará”, é uma alusão a Nm 6,25, pois uma parte da tradicional benção sacerdotal tem uma metáfora solar, com um texto similar tanto no hebraico, “יְהוָה יִאֲרָךְ יְהוָה פָּגְיוֹ אֱלֹהֵי יִשְׂרָאֵל/que YHWH faça resplandecer a sua face sobre e tenha misericórdia de ti”, como no grego, “ἐπιφάναι κύριος τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ἐπὶ σὲ καὶ ἐλέησαι σε/que o Senhor resplandeça o seu rosto sobre ti e que tenha misericórdia de ti”. A benção araônica é aludida em 4Q542: “e ele brilhará como luz sobre vós e vos dará a conhecer o seu grande nome”. Acredita-se que Ap 22,5c também seja uma alusão do Sl 118,27, texto hebraico: “יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה יִאֲרָךְ/ YHWH é Deus, fez resplandecer sobre nós a sua luz”, e que a LXX leu: “θεὸς κύριος καὶ ἐπέφανεν ἡμῖν/ o Senhor é Deus e nossa luz”<sup>430</sup>. No AT, a tipologia da face de Deus brilhante é uma representação do favor do Senhor na vida de seu povo, uma verdade expressa em diversos textos veterotestamentários em forma de oração (Sl 4,7; 31,17; 44,4; 67,2; 80,4.8.19; 89,16; Is 60,2), que será totalmente respondida em Ap 22,5<sup>431</sup>. Em 4Esd 7,38-42 há uma lista de cerca de vinte e sete elementos que não mais existirão no dia do julgamento final “sol, lua, estrelas, nuvem, trovão, relâmpago, vento, água, ar, escuridão, noite, manhã, verão, primavera, calor, inverno, geada, frio, granizo, chuva, orvalho, meio-dia, noite, amanhecer, brilho e luz”<sup>432</sup>. Ap 22,1-5 está em conformidade com a obra do sacerdote messiânico aguardada pelo Testamento de Levi 18,4.9.11<sup>433</sup>.

Em Ap 22,5d, o autor afirma que os fiéis se reinarão com Deus e o Cordeiro: “καὶ βασιλεύσουσιν εἰς τοὺς αἰῶνας τῶν αἰώνων/e reinarão pelos séculos dos séculos”. A observação de que os santos reinarão eternamente indica não apenas um sacerdócio real para todos os crentes, mas igualmente ressalta que o estado eterno é de responsabilidade e realização<sup>434</sup>. Não há explicitamente no texto em que os santos reinarão neste governo eterno, no entanto, eles terão uma comunhão profunda com Deus, receberão em suas frentes o nome do Senhor e se tornarão participantes do trono de Deus e do Cordeiro<sup>435</sup>.

O reinado de Deus pode ser compreendido com o texto de Zc 19,9: “καὶ ἔσται κύριος εἰς βασιλέα ἐπὶ πᾶσαν τὴν γῆν ἐν τῇ ἡμέρᾳ ἐκείνῃ ἔσται κύριος εἷς καὶ τὸ ὄνομα αὐτοῦ ἓν/e o Senhor será rei sobre toda a terra, naquele dia, o Senhor será um e o seu nome um”. A afirmação de Ap 22,5d não se compara com o reino de mil anos de Ap 20, pois ali, o seu limite de reino é de mil anos e logo após, há uma rebelião final de Satanás. O reinado de Ap 22,5d é o cumprimento do que é anunciado em Dn 7,18.27: “καὶ παραλήφονται τὴν βασιλείαν ἅγιοι ὑψίστου καὶ καθέξουσι τὴν βασιλείαν ἕως τοῦ αἰῶνος καὶ ἕως τοῦ αἰῶνος τῶν αἰώνων/e os santos do altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e eternamente”. Com isso, os santos reinarão no

<sup>428</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1181.

<sup>429</sup> MOUNCE, R. H., The Book of Revelation, p. 400.

<sup>430</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1181; OSBORNE, G. R., Revelation, p. 775.

<sup>431</sup> AUNE, D. E., Revelation 17–22, p. 1181; MULHOLLAND, M. R. Jr., Revelation, p. 595; BEALE, G. K.; MCDONOUGH, S. M., Apocalypse, p. 1404.

<sup>432</sup> PROENÇA, E. (Org.), Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia, p. 219-220.

<sup>433</sup> BEALE, G. K., The book of Revelation, p. 1117.

<sup>434</sup> PATTERSON, P., Revelation, p. 377.

<sup>435</sup> HOSKINS, P. M. Priesthood in the Book of Revelation, p. 115.

sentido de que participarão como servos adoradores no governo eterno de Deus e do Cordeiro.<sup>436</sup>

### **Conclusão**

É uma realidade inegável que o autor do livro do Apocalipse de João usou alusões e ecos do AT no livro de Apocalipse de João. Ele ainda utilizou textos deuterocanônicos e extrabíblicos que permitem transpor o conhecimento que ele tinha da literatura veterotestamentária e de textos que circulavam entre as igrejas do primeiro século. A beleza redacional do Apocalipse de João ficou marcada pela contribuição destes livros apresentados no uso do AT no inteiro texto de Apocalipse de João e como ele organizou todo esse material de maneira consciente para alcançar o seu objetivo que era o de apresentar o Cristo glorificado e o estado final da comunidade de fiéis de todos os tempos e o dos ímpios.

Nesse texto, foi possível observar que o autor do Apocalipse de João é o mais interessado nos textos do livro de Ezequiel, de modo que ele foi o que mais aludiu trechos dos escritos do profeta do exílio. A crítica textual contribuiu para melhor entendermos e aceitarmos as opções tomadas pelo comitê central da NA28 como sendo o texto que seja o que mais se aproxima do original, já que não temos o manuscrito original e sim cópias de cópias. A estrutura do Apocalipse de João nos permitiu enxergar a arrumação literária do texto com estruturas em quiasmos e concêntricas, dando todo o contorno estilístico ao último livro do NT. A grande seção de Ap 21,1–22,5 nos descreveu a visão final do vidente do Apocalipse de João, em que ele descreve as características do novo céu e da nova terra, da nova Jerusalém e o rio da água da vida, junto com a árvore da vida que está no meio da cidade-templo.

Também foi possível analisar e ver o uso do AT em Ap 22,1-5, que nos iluminou para uma história salvífica divina que já estava nos pensamentos de Deus, desde antes da fundação do mundo, como é proposto pelo autor do livro do Apocalipse de João em suas alusões à tradição do jardim do Éden e às profecias de alguns profetas do passado que transmitiam o valor do tempo, no qual Deus implantaria o seu reino eterno de amor e graça.

Enfim, o livro de Apocalipse de João quer causar em seus leitores uma perspectiva de esperança, paz e alegria, pois virá da parte de Deus e do Cordeiro um novo mundo, em que os seus fiéis cantarão o hino aleluiático ao que foi e que é fiel ao seu povo (Ap 19,1-10), único hino aleluiático de todo o NT<sup>437</sup>, e serão como servos que servirão e o adorarão como sacerdotes eternos. Neste novo mundo, projetado por Deus e o Cordeiro, não haverá mais morte, não haverá mais tristezas, as dores não mais existirão, pois serão enxugadas pelo próprio Deus (Ap 21,4), porque estão descendo um novo céu e uma nova terra ao encontro dos que aguardam esse novo reino de amor governado com equidade e graça.

### **Referências**

ALEGRE, X. Apocalipse. In: TUÑÍ, J. O; ALEGRE, X. *Escritos joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Ave Maria, p. 191-260, 1999.

---

<sup>436</sup> BEALE, G. K. The book of Revelation, p. 1116; MOUNCE, R. H. The Book of Revelation, p. 400; AUNE, D. E. Revelation 17–22, p. 1181.

<sup>437</sup> GONZAGA, W., Ap 19,1-8: Profetismo na Liturgia, p. 566-585.

- ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas II*. São Paulo: Paulus, 2011.
- AUNE, D. E. *Revelation 17–22*. Word Biblical Commentary, v.52C. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998.
- BANDY, A. S. The Layers of the Apocalypse: An Integrative Approach to Revelation's Macrostructure. *Journal for the Study of the New Testament*, v.31, n.4, p. 469-499, 2009.
- BARCLAY, W. *Comentario Al Nuevo Testamento*. Barcelona: CLIE, 2006.
- BAUCKHAM, R. *The Climax of Prophecy: Studies in the Book of Revelation*. New York: T&T Clark, 1993.
- BEALE, G. K. John's Use of the Old Testament in Revelation. *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series*, vol. 166. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- BEALE, G. K. The Use of the Old Testament in the Apocalypse, *Journal of Theology*, v.64, n.1, p. 127-145, 2021.
- BEALE, G. K. Adam as the First Priest in Eden as the Garden Temple. *The Southern Baptist Journal of Theology*, v.22, n.2, p. 9-24, 2018.
- BEALE, G. K. Eden, the temple, and the church's mission in the new creation. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v.48, n.1, p. 5-31, mar. 2005.
- BEALE, G. K. *Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Exegese e interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- BEALE, G. K. *The book of Revelation: a commentary on the Greek text*. Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999.
- BEALE, G. K; MCDONOUGH, S. M. Apocalypse. In: BEALE, G. K; CARSON, D. A. (Orgs.). *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, p. 1318-1415, 2014.
- BELLI, F. et al. *Vetus in Novo: El recurso a la Escritura em el Nuevo Testamento*. Madrid: Encuentro, 2006.
- BORING, M. E. *Introdução ao Novo Testamento*. História, literatura e teologia. Cartas Católicas, sinóticos e escritos joaninos. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2016.
- BORING, M. E. *Revelation*. Louisville, KY: John Knox Press, 1989.
- BUSENITZ, N. The Kingdom of God and the Eternal State. *Masters Seminary Journal*, v.23, n.2, p. 255-274, 2012.
- DECOCK, P. B. The scriptures in the Book of Revelation. *Neotestamentica*, v.33, n.2, p. 373-410, 1999.
- DU RAND, J. A. The imagery of the heavenly Jerusalem (Revelation 21:9–22:5). *Neotestamentica*, v.22, n.1, p. 65-86, 1988.
- EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento: introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos*. São Paulo: Loyola, 2005.

- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FEE, G. D. *Revelation*. Eugene, OR: Cascade Books, 2011.
- FORD, J. M. *Revelation: introduction, translation, and commentary*. New Haven; London: Yale University Press, v.38, p. 331–346, 2008.
- GALLUSZ, L. Thrones in the Book of Revelation Part 2: The Lamb on the Throne. *Journal of the Adventist Theological Society*, v.24, n.1, p. 54-91, 2013.
- GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da sagrada teologia. In: MAZZAROLO, I; FERNANDES, L. A; LIMA, M. L. C. (orgs.). *Exegese, teologia e pastoral: relações, tensões e desafios*. Santo André: Academia Cristã; Rio de Janeiro: PUC-Rio, p. 201-235, 2015.
- GONZAGA, W. Ap 19,1-8: Profetismo na Liturgia, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 60, p. 566-585, 2018. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATEo.35761>
- GONZAGA, W. *Compêndio do Cânon Bíblico. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos*. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.
- GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do Corpus Joanino no Cânon do Novo Testamento. *Perspectiva Teológica*, v. 52, p. 681-704, 2021. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATEo.29100>
- HOSKINS, P. M. Priesthood in the Book of Revelation. *The Southern Baptist Journal of Theology*, v.22, n.2, p. 101-117, 2018.
- KISTEMAKER, S. *Apocalypse*. Comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- LADD, G. E. *Apocalypse*. Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- LANGE, J. P; SCHAFF, P; MOORE, E; CRAVEN, E. R; WOODS, J. H. *Revelation*. A commentary on the Holy Scriptures. Bellingham, WA: Logos Bible Software. (2008).
- MATHEWSON, D. The Destiny of the Nations in Revelation 21:1-22: 5: A Reconsideration. *Tyndale Bulletin*, v.53, n.1, p. 121-142, 2002.
- MATHEWSON, D. Assessing Old Testament allusions in the book of Revelation. *Evangelical Quarterly: An International Review of Bible and Theology*, v.75, n.4, p. 311-325, 2003.
- MAZZAROLO, I. *O Apocalipse*. Esoterismo profecia, ou resistência? Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2016.
- MILLOS, S. P. *Apocalipsis*. Comentario exegético al texto griego del Nuovo Testamento. Barcelona: CLIE, 2010.
- MOO, J. Continuity, Discontinuity, and Hope. The Contribution of New Testament Eschatology to a Distinctively Christian Environmental Ethos. *Tyndale Bulletin*, v.61, n.1, p. 21-44, 2010.

- MOUNCE, R. H. *The Book of Revelation*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1997.
- MOYISE, S. The language of the Old Testament in the Apocalypse. *Journal for the Study of the New Testament*, v.22, n.76, p. 97-113, 2000.
- MOYISE, S. Does the author of Revelation misappropriate the scriptures? *Andrews University Seminary Studies*, v.40, n.1, p. 3-21, 2002.
- MULHOLLAND, M. R., Jr. Revelation. In: COMFORT, P. W. (Org.). *James, 1-2 Peter, Jude, Revelation*. Cornerstone Biblical Commentary. Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, p. 399-604, 2011.
- NESTLE-ALAND, *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- OLADOSU, O. T; ALU, C. O. The use of Old Testament in the Book of Revelation. *American Journal of Biblical Theology*, v.17, n.8, p. 1-12, 2016.
- OSBORNE, G. R. *Apocalipse: comentário exegetico*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- OSBORNE, G. R. *Revelation*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2002.
- PATTERSON, P. *Revelation*. CLENDENEN, E. R. (org.). Nashville, TN: B&H, v. 39, p. 361-378, 2012.
- PAULIEN, J. Dreading the whirlwind intertextuality and the use of the Old Testament in Revelation. *Andyews University Seminaiy Studies*, Spring, v.39, n.1, p. 5-12, 2001.
- PAULIEN, J. The Role of the Hebrew Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of the book of Revelation. *Andrews University Seminary Studies*, v.33, n.2, p. 245-264, 1995.
- POHL, A. *Apocalipse de João II*. Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2001.
- PRINGENT, P. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993.
- PROENÇA, E. (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. v.2. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- RAHLFS, A.; HANHART, R. (eds.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.
- ROBERTSON, A. W. *El Antiguo Testamento em el Neuvo*. Buenos Aires: Nueva Creación, 1996.
- SCHNELLE, U. *Introdução à Exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000.
- STEFANOVIC, R. Finding meaning in the literary patterns of Revelation. *Journal of the Adventist Theological Society*, v.13, n.1, p. 27-43, 2002.
- STUCKENBRUCK, L. T. Revelation. In: DUNN, J. D. G; ROGERSON, J. W. (orgs.), *Eerdmans Commentary on the Bible*. Grand Rapids, MI; Cambridge, U.K: William B. Eerdmans Publishing Company, p. 1569-1570, 2003.
- WAWERU, H. Postcolonial and Contrapuntal Reading of Revelation 22:1-5: part 2. *Churchman*, v.121, n.2, p. 139-162, 2007.
- WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.